

**Indicadores turísticos para o desenvolvimento sustentável aplicados pela OMT, avaliados pela tríade MATE.**

**: Humberto Gallo Junior**

Departamento de Geografia FFLCH-USP

São Paulo, Brasil

Correo: hgallojr@ig.com.br

**Álvaro Castroman Polero**

Departamento de Geografia FFLCH-USP

São Paulo, Brasil

Correo: castromanpollero@hotmail.com

**Jesús Álvarez Valdés**

FEA-USP.

São Paulo, Brasil

**Correo: jesus@usp.br**

**Resumo.** Como se pode avaliar o consumo do espaço pelo turismo tem sido um tema muito delicado e controverso. O presente estudo tem como objetivo central estudar a aplicação, pela OMT (1998) e SECTUR (2000), dos indicadores para o turismo sustentável (ITS) realizado na ilha de Cozumel, México. Para avaliar a aplicação e seus resultados, trabalha-se com a proposta da tríade MATE (CASTROMAN & GALLO JR., 2002), na qual pretende-se colocar em um mesmo plano de gestão, os indicadores relativos ao desenvolvimento econômico, social, e preservação do meio ambiente, que são fundamentais para que se consiga o desenvolvimento sustentável.

Neste estudo de caráter exploratório-descritivo, optou-se pelo método de estudo de casos, analisando-se especificamente o relatório do “Workshop sobre Indicadores de Turismo Sustentável para o Caribe e Centroamérica” realizado para o caso da ilha turística de Cozumel-México.

Presentación oral

Geografía del Turismo

## I- INTRODUÇÃO

A relação entre o turismo e o desenvolvimento econômico, social e a preservação do meio ambiente tem sido bastante questionada na atualidade. Alguns autores fazem a apologia do turismo, considerando-o como solução inequívoca para os problemas decorrentes da exploração maciça dos recursos naturais. Porém, existem outros que, demonstrando uma postura mais crítica em relação a esta atividade, argumentam que a “indústria” do turismo “transforma tudo o que toca em artificial”, estando preocupada com a reprodução do capital em larga escala, e não dando a devida ênfase aos aspectos históricos, culturais e sociais envolvidos.

YÁZIGI (2001) destaca duas características intrínsecas ao turismo: a primeira corresponde ao que ele define como a "arte de agradar", e a segunda remete ao pressuposto de que a atividade turística pode autodestruir-se com sua própria execução. Essas propriedades da atividade turística servem de alerta para a complexidade e o cuidado que se deve ter ao se planejar e desenvolver o sistema turístico regional.

Para a análise, formulação de propostas e execução de planejamentos, normalmente divide-se o sistema turístico em subsistemas: o Meio Ambiente (MA), o Trabalho (T) como indicador do meio social, e a Economia (E), surgindo a tríade MATE (CASTROMAN & GALLO JR., 2002). A alta inter-relação destes subsistemas, junto com a complexidade e explosão do setor turístico na América Latina, leva a firmar que os elementos da tríade MATE devem ser inseridos em um único plano de gestão.

Dada esta realidade do turismo latino-americano, procura-se apresentar dados práticos das inter-relações feitas pela OMT para aplicar os ITS na ilha de Cozumel, e poder alcançar os seguintes objetivos:

1. Apresentar evidências práticas de como o fenômeno do turismo pode considerar a determinação de IST;
2. Avaliar um roteiro elaborado por diversos técnicos de deferentes áreas do conhecimento e coordenados pela OMT para determinar IST regionais;
3. Apresentar, por meio do confronto dos dados com os elementos do modelo MATE, como esta aplicação de ITS pode colaborar ao desenvolvimento do turismo regional.

Neste estudo de caráter exploratório-descritivo, optou-se pelo método de estudo de casos, descrito por YIN (2001). Estudou-se especificamente o "Workshop sobre Indicadores de Turismo Sustentável para o Caribe e Centroamerica" na ilha turística de Cozumel-México. Os dados foram confrontados e correlacionados com a proposta metodológica da Tríade MATE.

Como resultado, avalia-se como é tratada, aprimorada e articulada a idéia de DS pela atividade turística, no que diz respeito à aplicação do IST na área investigada. Teve-se especial cuidado, no marco teórico deste estudo, na implementação de conceitos dos relatórios das mega-conferências mundiais como a CMMAD (1991) e ECO 92 e sua capacidade para o desenvolvimento sustentável.

## **II-. Workshop sobre Indicadores de Turismo Sustentável.**

Em 1991, a OMT começou uma iniciativa para desenvolver indicadores para o turismo sustentável de uso global. Um grupo operativo internacional de trabalho, formado no período de 1992 a 1995, elaborou uma proposta teórico-metodológica de indicadores para uso em nível nacional e uma lista para destinos turísticos específicos de uso intensivo. Baseado em vários estudos de caso (Canadá, México, Holanda e EUA) um conjunto de indicadores-chave foi desenvolvido. Foram também definidos indicadores para regiões específicas (por exemplo: áreas costeiras, ilhas pequenas, sítios ecoturísticos, turismo cultural, etc). A aplicação da metodologia dos indicadores da OMT começou em sítios na Argentina e Hungria, (OMT 2000). Nestes lugares, a metodologia foi enriquecida pelo aporte de outros trabalhos, com diferentes propostas, principalmente no que diz respeito à identificação e gestão dos riscos do turismo sustentável, resultando na publicação do livro guia da OMT "O que todo gestor turístico deve saber: Guia prática para o desenvolvimento e uso de indicadores de turismo sustentável". Essa guia está na linha das recomendações da sétima sessão das Nações Unidas (CDS7), a qual convidou os governos, grupos maiores e o sistema da ONU para trabalhar, em colaboração com a OMT, para desenvolver IST.

Estes indicadores devem capacitar aos gestores para controlar melhor a interface entre o turismo e o meio ambiente natural e sócio-cultural, reduzindo os riscos tanto para a indústria quanto para os destinos.

O trabalho de campo e a compilação de dados para o estudo de indicadores de turismo sustentável em Cozumel, foi organizado pela SECTUR (2000). A Seção de Desenvolvimento Sustentável da OMT contou com a participação de inúmeros organismos mexicanos, delegações dos países caribenhos, além de especialistas locais e das consultorias técnicas de profissionais de várias áreas do conhecimento

Os resultados do estudo foram facilitados, tanto na obtenção de informação como na aplicação dos indicadores, pelo fato de ser uma região bem delimitada e com longa trajetória turística. O elemento chave no processo de desenvolvimento de indicadores foi o Workshop Internacional, que aplicou a metodologia da OMT para o caso específico de Cozumel, e examinou os principais riscos desse destino, relativos aos objetivos de desenvolvimento sustentável.

Segundo a SECTUR (2000) o roteiro metodológico no caso de Cozumel foi:

1. Adoção da Metodologia da OMT (1998) “O que todo gestor turístico deve saber: Guia prática para o desenvolvimento e o uso de indicadores de turismo sustentável”;
2. Determinação da área de estudo em Cozumel;
3. Riscos e indicadores para o turismo de Cozumel;

**3.1 Indicadores base.** (Riscos: Nível de turismo, Impacto dos barcos de cruzeiro, Ocupação hoteleira, Níveis da população local);

**3.2 Indicadores ecológicos.** (Riscos: Recursos de água doce, Proteção dos recursos ecológicos -recifes, ecossistemas terrestres, Preservação de natureza - ecossistemas terrestres, Degradação de arrecifes, Qualidade da água do mar, Manejo de detritos sólidos, Educação ambiental, Excesso de visitantes e congestionamento em áreas selecionadas do arrecife)

**3.3 Indicadores econômicos** (Riscos: Dependência exclusiva do setor turístico, Baixos ingressos de turismo, Preço/valor por dinheiro, Fuga/entrada de divisas, Controle e benefício local, Custos e benefícios do turismo, Impactos do custo de vida para sociedade local);

**3.4 Indicadores sociais** (Riscos: Impacto social, Perda de identidade cultural, Índices de Criminalidade);

**3.5 Indicadores de imagem** (Riscos: Insatisfação dos consumidores, Saúde, Poluição visual, Acesso público a praias, Atitudes gerais sobre o destino);

**3.6 Indicadores de manejo** (Riscos: Acesso, Integração do turismo ao plano nacional/regional, Coordenação de diferentes níveis de governo, Falta de cumprimento de normas e padrões, Fundos econômicos para a proteção, Participação local em decisões de planificação turística);

- 4- Índices compostos. (Capacidade de carga, Índice de pressão sobre o sitio -stress do sitio, Índice de atração do destino);

- 5- Outros possíveis indicadores derivados para usar em Cozumel.

Existe uma relação com todos esses indicadores avaliados na atualidade, numa escala de 1 a 5 para os seguintes itens: a- Pertinência (correspondência), b- Dados (facilidade); c- Compreensão (validade interna da mensuração); d- Comparação (parâmetros); e- Capacidade preventiva.

### **III- A Tríade MATE**

O grande desafio para os projetos de planejamento, na atualidade, é o fato de a economia, a área social e o meio ambiente utilizarem-se de indicadores, parâmetros e metodologias de

análise distintas. Cada um dos objetivos relacionados a estas áreas está em planos diferentes e, portanto, é impossível quantificar-lhes, além de não se dispor de parâmetros, estratégias e procedimentos que permitam torná-los compatíveis. O desenvolvimento sustentável depende desta articulação de objetivos dentro do marco institucional.

Pode-se aproximar uma representação do DS, de uma maneira bastante preliminar e simplificada, por uma função (que otimize e controle os objetivos comuns da tríade MATE em um mesmo plano):

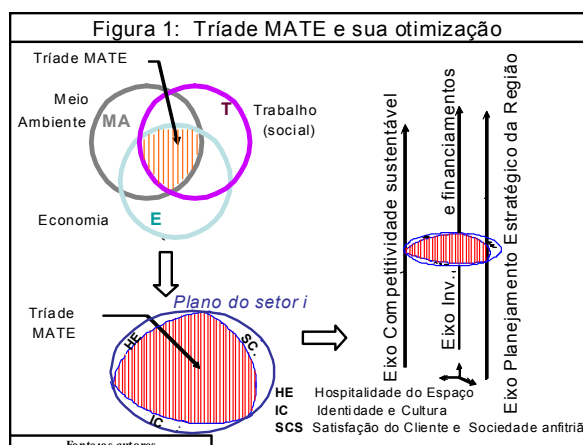
**Desenvolvimento sustentável = F de objetivos comuns (Meio Ambiente, Trabalho, Economia)**

Logicamente, a equação não é tão simples e de resultados imediatos. Como analisa SEN (1996), para um desenvolvimento sustentável de um país ou regiões, estes três componentes da tríade são influenciados por múltiplos fatores na atualidade, principalmente pela capacidade de coordenação conjunta entre o governo e a iniciativa privada, baseada numa cidadania participativa e qualificada. Esta coordenação está encabeçada por processos que têm a ver com a educação, inovação tecnológica e a formação de recursos humanos capacitados, ou seja, equivalente à implementação de um processo contínuo e auto-sustentável do incremento do aprender.

Conforme proposto no presente trabalho, considera-se a otimização da tríade MATE para o DS como a área superposta hachurada (Figura 1).

Nessa área, situados em um mesmo plano, encontram-se os objetivos propostos no PE da MATE e delineados para cada Setor Econômico *i*. O PE, desenvolvido de forma interdisciplinar e integrada, permite a otimização dos resultados, do ponto de vista do DS. Figurativamente, esse fato revela-se no aumento da área tracejada. Como consequência, ocorrerá um aumento nos resultados, em termos das variáveis setoriais do DS, representadas pelas áreas em branco do círculo inferior da figura 1: Hospitalidade do Espaço (HE), Identidade e Cultura (IC) e Satisfação do Cliente e Sociedade anfitriã (SCS.).

A maximização dessa área é o resultado da posição ocupada por três pontos, os quais



das três calotas relativas às citadas áreas em os eixos referentes às diretrizes regionais: 1- jurídica; 2- estratégia competitiva sustentável; 3-

Como na Figura 2, os três eixos referidos acima também coordenam os outros setores da atividade turística. O alinhamento e crescimento (tanto horizontal vertical) dos setores se dão conjunta e simultaneamente. É importante notar que, ao aumentar a área da tríade MATE, geometricamente representada pelo aumento da distância entre os eixos Planejamento, Competitividade e Financiamento, aumenta simultaneamente o DS regional.

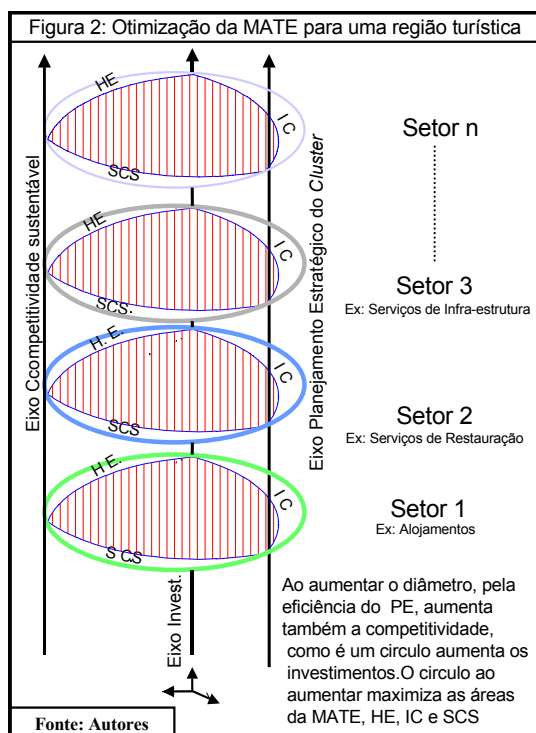
Em sua estada, o turista vai utilizar e circular dentro da rede de fluxos coordenados por esses setores, os quais estarão integrados, geridos e orientados para a satisfação diferenciada do

mesmo.

O modelo proposto permite trabalhar melhor o valor a ser agregado à marca do polo turístico, possibilitado pela sinergia de cada um dos setores econômicos, os quais contribuem para o ciclo turístico, para a comunidade anfitriã e, conseqüentemente, para o DS.

### III.1- Desenvolvimento sustentável e turismo.

Segundo PALOUCCI (2000), em relação ao turismo, o conceito de sustentabilidade deve contemplar quatro desafios-chave: 1) uma compreensão melhor de como os turistas estimam e usam os ambientes naturais; 2) aumento e impactos da dependência de comunidades em relação ao turismo; 3) identificação dos impactos sociais e ambientais do turismo e 4) a implementação de sistemas



para administrar estes impactos.

No modelo proposto pela MATE, estão incluídas as variáveis Hospitalidade do Espaço (HE), Identidade do local e Cultura (IC) e Satisfação do Turista e Sociedade anfitriã (STS.). Possuem 3 eixos: 1- investimentos e financiamentos da região turística; 2- estratégia competitiva sustentável; 3- planejamento estratégico da região turística.

Este modelo também permite trabalhar melhor o valor a ser agregado à marca do pólo turístico e o marco institucional, possibilitado pela sinergia de cada um dos setores econômicos, que contribuem para o ciclo turístico, para a comunidade anfitriã e, conseqüentemente, para o DS.

**III.2- Processos espaciais na globalização.** Para analisar a atual configuração das forças da sociedade pública-privada com objetivos do processo espacial de uma região turística,

acompanha-se a SANTOS (1997), que o define como o resultado de que cada lugar é estruturado por combinações de técnicas qualitativamente diferentes e individualmente dotado de um tempo específico. O autor continua, com que a presença de combinações particulares de capital e de trabalho é uma forma de distribuição da sociedade global no espaço, que atribui a cada unidade técnica um valor particular em cada lugar. Assim, concebe-se para cada região turística, a especificidade na produção do espaço turístico. Por conseguinte cria-se a diversidade e especialização de regiões turísticas ao longo do mundo.

Na atual fase da globalização as regiões turísticas são levadas a posicionar-se pro-ativamente na busca e agrado do turista em escala mundial. Essa procura e as próprias preferências dos turistas têm exigido o aperfeiçoamento das técnicas mercadológicas – novos elos de produção (SANTOS, 1997), e da própria (re) configuração da região para atrair, satisfazer e fidelizar ao turista em escala mundial.

As pesquisas mercadológicas sobre as regiões turísticas têm constatado a tendência do consumidor turístico em perceber como melhor destino, aquele que lhe proporciona uma oferta comum de produtos / serviços. Desprezam a oferta dispersa de hotéis, praias, restaurantes, museus e outros, os quais são normalmente oferecidos por prestadores individuais e não relacionados. Esse fato de percepção do turista cria dentro do processo de comercialização o elo produtivo chamado de imagem de uma região.

Com base neste novo elo de produção, a imagem da região, e, na busca de sinergias para competir na escala global, as regiões turísticas têm elaborado um processo de configuração espacial para atrair ao turista a sua região. A construção da imagem turística da região é um processo que começa com base na oportunidade dos recursos naturais turísticos. Logo, são incrementados: recursos artificiais, investimentos e equipamentos com funções diferentes, coordenados por meios técnicos científicos para conseguir inter-relações de formas e conteúdos diferenciados na escala mundial. Essa imagem tem a finalidade, além de atrair o turista, poder satisfazer da melhor maneira suas expectativas e necessidades, para alcançar sua fidelização, como também, convertê-lo num elemento promotor, não consciente, da imagem da região.

Estes novos elos de produção agregados às regiões turísticas produzem, o que SANTOS (2000) denomina espaço técnico científico. Equipamentos, processos técnicos e estudos científicos integrados nas funções mercadológicas que se manifestam nas formas e conteúdos dos recursos naturais e artificiais da região, com o objetivo de poder de atrair, agradar, satisfazer e fidelizar o turista internacional. Um espaço “inteligente”, segundo o autor.

A produção da imagem turística acaba sendo produto e produtor do espaço e sua função. Na maioria dos casos, este processo é comandado pelo PE, em consenso, entre o poder público e a iniciativa privada –representada por grandes firmas e investidores.

Elabora-se assim, o PE regional, que coordena em diferentes escalas: 1- as técnicas mercadológicas e de produção da iniciativa privada; 2- marco legal e institucional da iniciativa pública-privada (confiança para os investimentos); 3- os recursos turísticos naturais, culturais, artificiais, entre outros; 4- os investimentos de diferentes setores. Assim, pode-se elaborar e controlar as políticas, recursos, objetivos, estratégias e metas da produção-comercialização da região em escala mundial.

Como exemplo, um dos processos dos novos elos de produção, que intervém neste planejamento, é o *benchmarking* regional, o qual permite, entre outras atividades, a comparação em vários itens da região com as outras regiões turísticas bem sucedidas de todo o mundo. Essa comparação, quase sempre, propiciada pelo próprio governo, permite verificar a natureza do tipo de processo, em que a competitividade na escala global necessita ser devidamente planejada com padrões internacionais de produção. No setor turístico, os novos elos de produção, mediante a comparação / melhoramento / imitação do “melhor”, que existe no mundo, conduz, a um alto grau de especialização e densificação do espaço. Assim, necessita-se de múltiplos tipos de investimentos condensados em diferentes funções intersetoriais que tonifiquem o espaço turístico para essa “batalha” da competitividade.

Dessa forma, observa-se que a aplicação de elos mercadológicos, já utilizadas em outros setores da economia, podem ser adaptados para o setor turístico, permitindo atrair, agradar e fidelizar o turista-alvo. Entre esses elos tem-se: a pesquisa de mercado, o marketing, a propaganda, a promoção, a clusterização e o ciclo de comercialização coordenados num PE, influenciando decisivamente na (re) organização espacial da região turística para alcançar sua competitividade.

Este novo tipo de ideologia, adotado atualmente, leva ao que antigamente chamava-se uma região rica ou menos rica, para ser agora uma região ganhadora ou perdedora (*winner or looser*). Para TOLEDO et al (2001), chama-se também de pensamento único aquele que exige que se veja o espaço urbano como espaço empresarial e, como tal, ficam excluídos da diversidade e o conflito, para dar lugar à racionalidade. Transformando-se as cidades em espaço e objeto-sujeito de negócios. Na mesma linha e contexto VIRILIO (1997), aponta que as cidades podem deixar de ser o local da socialização e passar a ser o local da dessocialização.



A sociedade anfitriã, descrevem TOLEDO et al. (2001), entra no ciclo turístico timidamente como mão de obra direta/indiretamente, na formação de micro empresas e no setor informal. Considerando-se a má distribuição da renda nos países latino-americanos, sabe-se que o turismo representa em média: 9 % do PIB, 8% do trabalho direto e 7% das divisas. Com base nesta cifras, a SECTUR (2000) afirma que a (re) distribuição dos recursos do turismo não estão, ainda, configurados a uma devida distribuição proporcional na sociedade anfitriã.

SANTOS (2000) nota que os países menos ricos para agradar e implantar o processo socioeconômico da globalização aceitam três tipos de pobreza: 1- incluída; 2- marginal; 3- estrutural. Trata-se esta última, ao contrário das duas anteriores, de uma pobreza perversiva, generalizada, permanente e legitimada pelos atores do processo de globalização. Os pobres não são incluídos nem marginalizados, eles são excluídos, segregados do processo sócio-econômico da globalização.

Esta segregação é fruto da racionalidade da globalização LOZATO-GIOTART (1990), MANNING (1992), RIBEIRO (1997) e YÁZIGI (2001) concordam que é cada vez mais evidente que a atividade turística está degradando as bases sobre as quais repousa sua prosperidade; o meio ambiente, cultura e identidade regional. Destaca YÁZIGI (2001) que algumas vezes, a atividade turística, nasce abortada. Chega-se a segregar e excluir sua população anfitriã do local, não a incluindo no processo socioeconômico. Fica mais exposto ao que SANTOS (2000) define de “hegemonia da competitividade e do consumo”, só que no caso da atividade turística além de mais evidente, é mais rápida e irreparável o efeito de autodestruição.

CRUZ (1999), TOLEDO et al. (2001) analisam mediante estudo de regiões turísticas que na maioria dos casos latino-americanos existe um processo espacial conduzido pela competitividade depredatória dirigidas por um ineficiente planejamento, onde as sociedades e empresas esgotam recursos naturais-culturais e éticos para poder “capturar” aos turistas.

**III.3 Turismo e o processo de apropriação e consumo de espaços.** Considerando-se a má distribuição da renda latino-americana, sabe-se que o turismo representa em média nos países latino-americanos 9 % do PIB, 8% do trabalho direto e 7% das divisas. SACHS (1993) salienta sobre a utilidade e capacidade do turismo em poder colocar o social no centro do desenvolvimento, isto é, de reafirmar a finalidade social do desenvolvimento.

O CONSELHO ECONÔMICO E SOCIAL DAS NAÇÕES UNIDAS (2001) analisa que antes dos anos 90, alguns governos e organizações internacionais trataram o tema turismo com uma perspectiva de conseqüências negativas, com as precárias condições de emprego, a exploração e prostituição infantil, a degeneração das tradições e valores culturais e a deterioração ambiental nos territórios turísticos. Este conselho afirma que estes efeitos

ambientais têm suas origens no consumo descomedido dos recursos, e aponta que o turismo pode aportar benefícios econômicos às comunidades receptoras e servir de instrumento para atenuar a pobreza e conservar entre outras, as riquezas naturais e culturais, sempre com planejamento adequado visualizando em longo prazo.

TOLEDO et al. (2001) agregam que para algumas regiões geográficas da América Latina, o turismo devidamente planejado pode colaborar entre outras atividades:

- ser gerador de divisas;
- respeitar e melhorar o meio ambiente;
- melhorar a paisagem e o espaço urbano;
- exigir maior cultura, tecnologia e infra-estrutura para o espaço local;
- redistribuir a riqueza e informações das regiões mais ricas às mais pobres;
- permitir uma distribuição mais eqüitativa dos seus resultados;
- capacitação dos recursos humanos,
- permitir e incentivar a participação capacitada da comunidade.

#### **IV- Estudo de Caso**

O México possui o plano “Política e Estratégia Nacional para o Desenvolvimento Turístico Sustentável”, que é o resultado da atuação da Secretaria de Turismo (SECTUR, 2000) e do esforço de varias instituições dos setores público, social e acadêmico para definir as diretrizes, políticas e uma estratégia específica, de modo a criar bases para transformar a estrutura de desenvolvimento do setor e permitir o transito até a sustentabilidade.

Para conseguir atingir os resultados, a SECTUR (2000) considerou um modelo participativo de planejamento, que permitiu aos atores sociais do turismo realizarem contribuições importantes, tanto em nível teórico quanto prático. SECTUR (2000) elaborou suas metas de acordo com a Declaração da Rio 92 e as considerações da Agenda XXI para Viagens e Turismo da OMT.

A ilha de Cozumel é um dos cinco mais importantes destinos de recife para mergulho no mundo e é geralmente considerada uma das melhores em relação à biodiversidade. Faz parte da segunda barreira de recife do mundo, começando por Cozumel e chegando até o país de Honduras. Os arrecifes que rodeiam a Cozumel oferecem o *snorkel* e um mergulho reconhecido em todo o mundo. Cozumel se tem desenvolvido como um dos principais destinos no Caribe para barcos de cruzeiro, com várias centenas visitas de barcos por ano. Em 1998, 777 cruzeiros chegaram, desembarcando um total de 1.154.154 pessoas. Em San Miguel, existe capacidade para até 13 barcos e, em muitas ocasiões, ate 11 barcos tem chegado ao mesmo tempo. O maior dos barcos pode carregar ate 3.000 passageiros, quase todos desembarcando em um dia. O mês de março é o pico de visitação. Em março de 1999, foram registradas 111

visitas de barco (mais de três por dia, em média) com um total de 161.339 de embarques e uma média de 5.000 visitantes por dia. Num dia de pico de visitação, com 11 barcos, o porto pode conter até 15.000 visitantes.

O "Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Cozumel" identifica os limites geográficos e demográficos da ilha, sendo considerado 70.000 como o limite máximo viável de habitantes para a conservação dos recursos naturais, sem custos ecológicos, econômicos e sociais.

A água disponível e a sua qualidade são uma preocupação contínua. Toda a água da ilha é extraída por meio do bombeamento do lençol de água doce, localizado no centro da ilha. O lençol aquífero é preenchido pela água pluvial. Se a extração é maior que a infiltração de água de chuva, o lençol se reduz e ocorre a salinização pela infiltração da água de mar. A disponibilidade de água é o principal fator limitante para o limite de desenvolvimento em Cozumel. Não foi implementado até agora, nenhum programa de conservação para a ilha e o consumo de água não é administrado por uma cota ou alguma medida que promova a redução do consumo.

**Metodologia proposta pela OMT para a determinação dos ITS.** O processo de identificação de indicadores consiste em vários passos, e cada um deles tem um número de elementos:

1. **Identificação de riscos.** Para a indústria turística e suas fontes: uma investigação dos riscos chave para o turismo sustentável, em Cozumel, foi realizada com base nos materiais fornecidos pelas partes mexicanas e entrevistas com especialistas da indústria do turismo, de planejamento e gestão da ilha. Esta investigação serviu de base para a discussão da informação necessária para melhorar a capacidade dos gestores, no que diz respeito à identificação dos riscos.
2. **Valores-chaves.** É necessário examinar os valores-chave de todos os grupos de interesse e representantes de atividades turísticas, para determinar quais atributos são críticos para as necessidades, tanto para os turistas como para os residentes locais. Faz-se necessário saber quão sensíveis são esses valores para as mudanças na demanda, bem como o impacto de outras alterações que possam impactar o atrativo turístico. Da mesma forma, é necessário saber quão sensíveis são os valores dos residentes locais às transformações que o turismo possa trazer.
3. **Áreas prioritárias.** Quais são as áreas prioritárias (incluindo atributos chave), tais como o sistema de arrecifes e o Parque Chankanaab. Eles são a razão principal pela vinda dos turistas e, por isto, merecem atenção especial.
4. **Indicadores aplicáveis.** Quais são os elementos necessários, em termos de informação, que permitam aos gestores, em nível de destino e em nível de sítio

específico, estender a aplicabilidade do conhecimento sobre as mudanças que poderiam afetar os atributos chave à indústria turística em geral.

5. **Indicadores práticos.** Como se podem escolher indicadores da lista de necessidades (antes mencionada), que sejam razoáveis para implementar no destino.

Segundo a OMT (2000) embora o processo de obtenção de informação normalmente tome algumas semanas, incluindo discussões com autoridades locais e grupos de interesse chave no destino, no Workshop de Cozumel estes passos foram comprimidos, a fim de permitir que o processo se realiza em três dias, como demonstração dos passos e dos procedimentos. Este processo de discussão ajudou a confirmar os resultados da fase de investigação, os quais foram incorporados a este informe. Uma vez que os problemas chave relevantes para o turismo sustentável da região o do destino tenham sido identificados, é necessário selecionar e desenvolver indicadores específicos que respondam a estes problemas. A seleção e avaliação destes indicadores deve ser levada a cabo segundo o seguinte conjunto de critérios:

- relevância do indicador para a tomada de decisões estratégicas, incluindo as metas e tendências chave em nível regional;
- disponibilidade de informação, análises da informação e a existência de valores de limite onde seja pertinente;
- compreensão, credibilidade e confiabilidade para os usuários da informação;
- compatibilidade entre jurisdições ou regiões;
- capacidade preventiva do indicador, para advertir previamente de problemas e mudanças significativas.

É também importante estar consciente das diferentes categorias de indicadores que poderiam ser úteis para os gestores de turismo. Os indicadores devem ser classificados preferencialmente nos seguintes grupos:

- Indicadores preventivos temporais (por ex. sucesso na reprodução de espécies);
- Indicadores de stress no sistema (por ex. índices de criminalidade);
- Medidas do estado atual da indústria (por ex. índices de ocupação, satisfação dos turistas);
- Medidas de esforço no manejo (por ex. custo de limpeza, custos de danos e consertos);
- Medidas do efeito do manejo (por ex. mudanças de poluição, incremento de turistas);

O objetivo é que um conjunto de indicadores desenvolvidos para um sitio específico, também possa ser utilizado para estimular o desenvolvimento de padrões com aplicação ampla. Isto significa que os indicadores podem prover uma base para a preparação de padrões em situações onde:

- problemas repetitivos são descobertos;
- novos riscos são documentados;
- muitos destinos compartilham problemas similares;
- é estratégico amostrar resultados.

Para estabelecer programas bem-sucedidos de seleção e implementação de indicadores, muitos passos devem ser entendidos e cumpridos. Tem-se demonstrado em cada aplicação do processo, que "a total participação local" é essencial. Em muitos casos, só os especialistas locais (oficiais, professores de universidade, representantes da indústria, ambientalistas) estão totalmente conscientes da interação do stress e os valores que definem os impactos em destinos específicos. A sociedade anfitriã e o Workshop permitem:

1. **definir as fronteiras do destino:** é essencial que os encarregados para o desenvolvimento de indicadores conheçam claramente as fronteiras geográficas e a jurisdição política da área de estudo, para o processo de identificação de indicadores;
2. **definir os atributos do destino:** antes que os indicadores sejam considerados, é importante identificar os atributos do destino turístico, o que eles significam economicamente, socialmente, ecologicamente e culturalmente para o destino, e que certos riscos existem para estes atributos;
3. **ganhar participação local:** as pessoas que vivem dentro ou perto da área de estudo são as que conhecem mais intimamente o local. Esta gente geralmente tem uma idéia clara acerca dos indicadores que servirão e os que não são úteis; é importante seu apoio em proverem informação necessária para a identificação dos problemas chave e a seleção de indicadores é inestimável;
4. **chegar a um acordo sobre os riscos chave e os valores:** uma discussão em profundidade é necessária para se chegar a um acordo em relação aos valores e expectativas, tanto dos turistas como dos residentes locais, em relação com o destino. Com este conhecimento, é possível identificar e priorizar os riscos para a sustentabilidade turística, econômica, social e ecológica da área de estudo;
5. **trabalhar com dados adequados:** a seleção de indicadores deve ser levada a cabo com uma visão clara, não só das informações necessárias, mas também de saber se os dados são relevantes, confiáveis e válidos, e se é possível obtê-los continuamente e a custos acessíveis;
6. **obter informação sobre os limites e a sensibilidade do sistema:** integrado ao conceito de sustentabilidade está o reconhecimento da capacidade de carga do destino. Praticamente qualquer informação que possa ser obtida dos gestores de

turismo acerca das dimensões biológicas, físicas e sociais de sustentabilidade, poderá assistir em identificar os limites. Si se exceder estes limites, o turismo no será sustentável para o destino;

7. **continuar com o monitoramento:** a seleção de indicadores é só uma parte da primeira fase do manejo do turismo sustentável. Uma vez identificado e implementado, um regime de monitoramento deve ser mantido no lugar para determinar o sucesso do manejo do turismo.

**Interpretação dos dados.** Na análise das evidências práticas, pelo método das “proposições teóricas” (YIN, 2001) desenvolvidas no marco referencial para o caso deste trabalho, verifica-se que na atual fase da implementação das teorias do desenvolvimento sustentável da MATE e se existe correspondência com os indicadores do “Workshop sobre Indicadores de Turismo Sustentável para o Caribe e Centroamérica” na ilha turística de Cozumel-México.

Apresenta-se a seguir a avaliação dos indicadores para o turismo sustentável e os conceitos de estruturação e gestão da sustentabilidade do modelo desenvolvido pela tríade MATE:

- 1- O Meio Ambiente da MATE esta sendo considerado pelos Indicadores ecológicos do IST;
- 2- O Trabalho (ambiente social) da MATE esta sendo considerado pelos Indicadores sociais do IST;
- 3- A Economia da MATE estão sendo considerado pelos Indicadores econômicos do IST;
- 4- Variáveis: Hospitalidade do Espaço, Satisfação Turista/ sociedade anfitriã, Identidade e Cultura da MATE esta sendo considerado pelos Indicadores de manejo, Índices compostos, Outros possíveis indicadores derivados para usar em Cozumel do IST;
- 5- Os Eixos para o desenvolvimento da MATE: Financiamento e Investimento, Competitividade Sustentável, Planejamento Estratégico estão sendo considerado pelos: Indicadores base, Indicadores de imagem, Fundos econômicos para proteção, Acesso, Integração do turismo no plano nacional/regional, Coordenação de diferentes níveis de governo do IST.

No confronto entre os dados da aplicação da IST com a proposta da tríade MATE, verifica-se várias coincidências tanto de estrutura, funcionalidade e processo. A idéia de que os indicadores da MATE devem estar em um mesmo plano de gestão é totalmente cumpridas pelos IST ao igual que a inclusão capacitada da sociedade anfitriã.

**Quadro 1: Avaliação dos IST da OMT (1999) pela tríade MATE**

Elemento da tríade MATE	Elementos dea IST. Indicadores da Sustentabilidade Turística da OMT
<b>Meio Ambiente</b>	<b>Indicadores ecológicos.</b> ( <i>Riscos:</i> Recursos de água doce, Proteção dos recursos ecológicos -recifes, ecossistemas terrestres, Preservação de natureza - ecossistemas terrestres, Degradação de arrecifes,

	Qualidade da água de mar, Manejo de detritos sólidos, Educação ambiental, Excesso de visitantes e congestão em áreas selecionadas do arrecife)
<b>Trabalho</b>	<b>Indicadores sociais</b> ( <i>Riscos</i> : Impacto social, Perda de identidade cultural, Índices de Criminalidade)
<b>Economia</b>	<b>Indicadores econômicos</b> ( <i>Riscos</i> : Dependência singular do setor turístico, Baixos ingressos de turismo, Preço/valor por dinheiro, Fuga/entrada de divisas, Controle e benefício local, Custos e benefícios do turismo, Impactos do custo de vida para sociedade local);
<b>Variáveis: Hospitalidade do Espaço, Satisfação cliente e sociedade anfitriã, Identidade Cultura</b>	Indicadores de manejo ( <i>Risco</i> : Falta de cumprimento de normas e padrões, Fundos econômicos para a proteção, Participação local em decisões de planificação turística); Índices compostos. (Capacidade de carga, Índice de pressão sobre o sitio (stress de sitio), Índice de atração do destino, satisfação do turista) Outros possíveis indicadores derivados para usar em Cozumel (Educação ambiental, Saúde, Contaminação visual, Acesso)
<b>Eixos: Financiamento e Investimento, Competitividade Sustentável, Planejamento Estratégico.</b>	<b>Indicadores base.</b> ( <i>Riscos</i> : Nível de turismo, Impacto dos barcos de cruzeiro, Ocupação hoteleira, Níveis da população local) <b>Indicadores de imagem</b> ( <i>Risco</i> : Satisfação dos consumidores, Saúde, Poluição visual, Acesso público a praias, Atitude general sobre o destino) . Fundos econômicos para proteção Acesso, Integração do turismo no plano nacional/regional, Coordenação de diferentes níveis de governo

As variáveis da MATE (Hospitalidade do Espaço, Satisfação do cliente e sociedade anfitriã, Identidade e Cultura) estão sendo trabalhadas talvez um pouco tardiamente, já que a capacidade de carga, na qual está diretamente ligada a hospitalidade do espaço, foi um pouco abandonada no passado. Os eixos relativos ao desenvolvimento do Financiamento, Investimento e Competitividade Sustentável são amplamente cumpridos. O único item que ainda permanece insatisfatório é a falta de articulação entre o Planejamento Estratégico nos âmbitos nacional-estadual-regional.

## VI- Considerações finais

Verifica-se que Cozumel é um destino turístico atrativo, que pela exploração econômica vem chegando ao limite de sua capacidade, tanto em recursos naturais como em infra-estrutura. Esta hegemonia do elemento Economia é justamente o que a tríade MATE objetiva solucionar. Para isto, se propõe colocar no mesmo plano os três objetivos com seus respectivos indicadores considerados na proposta da tríade MATE, ainda que, no que diz respeito à preservação do meio ambiente e do desenvolvimento social, faz-se necessário discussões mais profundas acerca de sua relação com o turismo, pois os seus elementos ainda são analisados de forma preliminar e simplificados. Nota-se ainda uma falta de desenvolvimento consensuado dos eixos de desenvolvimento (financiamento, estratégico e investimento) da MATE.

A aplicação da IST tem conseguido articular muito bem, no papel, este objetivo. O Workshop permitiu promover uma gestão participativa, que otimizou as inter-relações concernentes à

tríade MATE, e principalmente a inclusão econômica e cultural da sociedade anfitriã no processo de uma afirmação positiva da identidade e cultura regional.

Os resultados indicam que, para uma melhor convivência do setor turístico com a dinâmica espacial da região, deve-se estabelecer, nos planejamentos regionais, seus devidos indicadores e as seguintes atividades agregadas: mensuração, controle, manejo, avaliação e retro-alimentação. Em caso de algum inconveniente, é necessário indicar qual deve ser a ação preventiva ou corretiva para o indicador em questão.

O programa de indicadores deve, portanto, ser capaz de gerar informação suficiente para complementar e orientar o planejamento atual, gerar as atividades de manejo e enfatizar os problemas futuros, para que possa solucionar a tempo os impactos negativos do turismo.

Assim, é prioritário realizar um estudo científico de caráter interdisciplinar e participativo, a partir da cultura e identidade locais, cujo resultado confirme a viabilidade econômica, sócio-cultural e ambiental da execução da atividade turística em uma determinada região. A otimização da articulação, dos objetivos, dos diferentes atores, públicos e privados, nos diferentes setores econômicos, é facilitada pela capacidade metodológica dos planejamentos do turismo.

Ao mesmo tempo, faz-se necessário encontrar formas de distribuir, de maneira mais equitativa, os benefícios do turismo e de seu próprio desenvolvimento, para elevar a qualidade de vida da população local, especialmente dos mais carentes. Assim, com parte da sociedade inserida no fenômeno turístico e com uma melhor distribuição de renda fomenta-se a construção de um ciclo sustentável do desenvolvimento. Procura-se evitar a repetição, da matriz de crescimento econômico com alta desigualdade social tão intrínseca na América Latina. Dessa forma, o turismo passa a ocupar uma posição responsável, em que o setor possa articular e proporcionar o desenvolvimento sustentável regional.

## **VII- Bibliografia**

CASTROMAN, A & GALLO JR., H. O turismo e seu potencial de colaboração para um desenvolvimento regional na América Latina. Anais IV ANPEGE-USP, São Paulo, 2002.

CMMAD Nosso Futuro Comum. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1991.

CONSELHO ECONÔMICO E SOCIAL DAS NAÇÕES UNIDAS El desarrollo sostenible del turismo. Comisión sobre Desarrollo Sostenible constituida en comité preparatorio de la Cumbre Mundial sobre el Desarrollo Sostenible. ONU, Madrid, 2001



- CRUZ, R. Políticas de Turismo e (re) ordenamento de territórios no litoral do Nordeste do Brasil. Departamento de Geografia Humana, FFLCH-USP, São Paulo, 1999. Tese de doutorado.
- LOZATO-GIOTART, J. Géographie du tourisme. Masson, Paris, 1990.
- MANNING, E. Indicators for the Sustainable Management of Tourism: Report of the International Working Group on Indicators of Sustainable Tourism. OMT, Madrid, España, 1992.
- OMT Guide for local Authorities son Developing Sustainable Tourism. OMT, London, 1998
- \_\_\_\_\_. Organização Mundial de Turismo. Compendio de Estadísticas do Turismo. OMT, Madrid, 2000
- PALOUCCI, L. Competitividade sustentável em turismo. ECA-USP, Dissertação Mestrado, SP, 2000.
- RIBEIRO, W. A ordem ambiental internacional. FFLCH-USP, Tese de Doutorado, S.P., 1999.
- SACHS, I. Estratégias de transição para o Século XXI. Nobel, SP, 1993
- SANTOS, M. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Record, R J, 2000.
- \_\_\_\_\_. Espaço e Método. Nobel, São Paulo, 1997.
- SECTUR Taller sobre Indicadores de Turismo Sostenible para el Caribe y Centroamérica. SECTUR, México, 2000.
- SEN, A. Desenvolvimento como Liberdade. Companhia das Letras, São Paulo, 1996.
- TOLEDO et al. Planificación estratégica de empresa turísticas y desarrollo sustentable do sector. Propuesta de um modelo. Estudios y Perspectivas, Buenos Aires, 2001.
- VIRILIO, P. Velocidade e Política. Liberdade, São Paulo, 1997.
- YÁZIGI, E. A alma do lugar. Turismo, planejamento e cotidiano. Contexto, São Paulo, 2001.
- YIN, R. Estudo de Caso. Planejamento e Métodos. Bookman, POA, 2001.